
DIVERSIDADE E ALTERIDADE
NA ENUNCIÇÃO EM LÍNGUAS PRÓXIMAS

Silvana Serrani INFANTE¹

UNICAMP

1. Introdução: Por que Diversidade e Alteridade?

Um importante princípio teórico-metodológico que sustenta as considerações que aqui apresentarei consiste em que a abordagem discursiva do sentido comporta um questionamento radical do sujeito intencional entendido como fonte individual de um sentido que lhe seria transparente². Essa é, a meu ver, uma questão crucial ao se repensar o processo de enunciação em língua estrangeira/ segunda língua (LE/L2). Entretanto, até onde tenho conhecimento, na maior parte dos trabalhos dedicados, no seio da Linguística Aplicada, ao estudo específico desse processo predomina a concepção de um sujeito intencional, indivíduo "dono" de seu dizer. Isso está afortunadamente mudando, em boa parte, graças aos desenvolvimentos, de perspectiva transdisciplinar no campo aplicado dos estudos da linguagem. Penso que um caminho que permite ampliar o escopo explicativo ao se abordarem os processos de produzir e compreender em LE/L2 é levar-se em conta os dois

¹ Meu reconhecimento ao CNPq pelo apoio dado à pesquisa. Agradeço a Maria Inês Leal a revisão cuidadosa do português.

² Esse tópico encontra-se desenvolvido em detalhe, por exemplo, em M. Pêcheux, 1990a e J. Authier, 1995:87.

níveis de análise interdependentes, a saber: o intradiscursivo e o interdiscursivo. É precisamente essa distinção, proposta por M. Pêcheux (1988), que constitui o suporte teórico fundamental para a caracterização das dimensões da diversidade e da alteridade que saliento em minha abordagem. Cabe lembrar que o *intradiscurso* refere-se à dimensão horizontal, linear do dizer, ao fio do discurso. Ao se abordar o intradiscurso, examina-se o que um enunciador efetivamente formula num momento dado, em relação ao que disse antes e dirá depois. O *interdiscurso* remete à dimensão vertical, não linear, do dizer, à rede complexa de formações discursivas em que todo dizer (segundo a perspectiva do discurso) está inserido. Na época em que Pêcheux escreveu *Les vérités de La Palice* (Semântica e Discurso na edição brasileira), ou antes, no início da década de 70³, as formações discursivas eram consideradas como espaços discursivos fechados e 'autônomos' que determinavam o que se podia ou devia dizer, a partir de uma posição, em uma conjuntura determinada, no seio de uma dada formação social. Atualmente, as formações discursivas são entendidas como espaços de reformulação-paráfrase contraditórios neles "próprios". Entendo as formações discursivas como condensações de regularidades enunciativas no processo - constitutivamente heterogêneo e contraditório - da produção de sentidos no (e pelo) discurso, em diferentes domínios de saber. Distancio-me, portanto, das concepções que as entendem como espaços discursivos fechados, construídos a partir de posições ideológicas homogêneas e excludentes.

Assim, ao se estudarem os fatores que incidem na produção em LE/L2 dois níveis de análise do heterogêneo podem ser considerados: o da *diversidade*, no qual se estudam as realizações discursivas de línguas

³Ver Haroche. Henry Pêcheux (1971).

(ou variedades) distintas em contextos diversos. Essa análise pode restringir-se à abordagem de dessemelhanças a partir de unidades resultantes da individuação por contraste ou pode ser realizada considerando que há, além dessa diversidade, uma dimensão constitutiva da alteridade social e do inconsciente. A *alteridade discursiva*, em relação ao quadro das categorias da Análise do Discurso, situa-se no nível do interdiscurso. Trata-se, aqui, de abordar a problemática da relação discurso-sujeito de enunciação. A concepção de subjetividade que se considera nesta dimensão não é a de falante que encontraria na linguagem um instrumento para exprimir suas "intenções de comunicação" mas, sim, do sujeito afetado contraditoriamente pela historicidade "prévia" à formulação do enunciado. O sujeito de enunciação é entendido, assim, como ser em línguas, pego na ordem simbólica que o produz enquanto sujeito. Subjetividade descentrada, porque o sujeito não é entendido como sendo a origem do dizer. Ele é cindido, marcado pela perda, pela falta de uma ilusão infantil de onipotência, de completude. Um modo de ver a divisão inconsciente/ consciente é a de se pensar a separação que essa divisão produz no sujeito ao estar separado de parte dele "mesmo". Mas esse não é o único modo, pois os constituintes dessa dicotomia não são, por sua vez, monolíticos. Na dimensão da alteridade se estuda, também, a determinação sócio-histórica do dizer que resulta de memórias discursivas contraditórias que, enquanto tais, permanecem diretamente inacessíveis para o enunciador, ao mesmo tempo que são as que determinam "seus" sentidos.

Ao se ocupar da obra de escritores que produziram em línguas "estrangeiras", R. Robin define a alteridade dizendo: "a alteridade é

aquilo que escapa à atribuição, aquilo que não se pode definir totalmente. É o sentido que foge, que excede, aquilo que não pode ser dominado. (...)” (1993:47). Esse “excesso” de sentido pode ser entendido como o da locução que, vista como discurso, excede o *um* da linearidade e da matriz intencional. “O dito” aborda-se aqui além do “querer dizer”. Assim, o foco é posto em que: é dito sempre mais do que se sabe, não se sabe totalmente o que se está dizendo, pois um algo a mais da ordem do inconsciente e da determinação sócio-histórica é sempre dito além do formulado ou, também, porque muitas vezes fala-se para não dizer “nada”⁴.

Como disse acima, a diversidade nas realizações discursivas em diferentes línguas ou variedades em contextos diversos pode ser estudada a) desconsiderando que existe a dimensão constitutiva da alteridade social e do inconsciente; ou b) levando em consideração essa distinção intradiscurso-interdiscurso (essa é a posição aqui sustentada). O foco da análise pode estar, ora na dimensão intradiscuriva, ora na interdiscursiva.

O objetivo deste trabalho é salientar a importância de considerar a discursividade nessas duas dimensões - diversidade e alteridade -, tanto na hora de descrever uma língua quanto ao se montarem programas de ensino-aprendizagem de línguas. Ilustrarei com resultados de uma análise de elementos da discursividade do espanhol mexicano, tendo como referência um trabalho anterior sobre a variedade de espanhol riopratense (da Argentina - região de Buenos Aires e arredores -, e do Uruguai) em relação ao português brasileiro. O estudo sobre o espanhol riopratense, além do interesse motivado por questões teórico-

⁴Cf. J. Authier, 1995:719.

metodológicas, decorreu também da necessidade dos setores dedicados ao ensino-aprendizagem da língua espanhola nas universidades brasileiras de contribuir para resolver situações práticas de interação multi-cultural no contexto do Mercosul. Na conjuntura mundial de globalização sócio-econômica, este Mercado Comum do Cone Sul está eliminando barreiras alfandegárias e restrições para o livre comércio e o intercâmbio de empresas e profissionais entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai (com a previsão de novos países ingressantes no Acordo). O trabalho anterior, em que o atual se apóia, consistiu em estudar contrastes e diferenças nos modos de construir discursivamente a enunciação de respostas negativas a pedidos, em espanhol riopratense e português brasileiro-paulista. A pesquisa atual, cujos resultados apresentaremos aqui, consistiu em examinar se se verifica no espanhol mexicano a hipótese de trabalho sobre o modo predominante de estruturar enunciações negativas, observada ao se estudar o espanhol riopratense em contraste com o português brasileiro. Primeiramente, referir-me-ei sinteticamente às conclusões do trabalho anterior⁵. Descreverei o método de trabalho denominado *análise de ressonâncias em micro-cenas experimentais*. O interesse em estudar o tema no espanhol mexicano deve-se ao fato de que, na bibliografia de sócio e etno-lingüistas desse país⁶, encontramos indícios de que nessa variedade não se verificariam as conclusões obtidas mediante a análise do corpus no estudo sobre o espanhol riopratense.

⁵Uma exposição detalhada da investigação sobre o espanhol riopratense e o português brasileiro encontra-se em Serrani-Infante (1994). Apresentei uma versão preliminar dos estudos sobre o espanhol mexicano em Burgos, Espanha, no "V Congreso Internacional sobre el Español de América".

2. Um Enfoque da Discursividade em Línguas Próximas

Como se sabe, no caso de interações de falantes nativos de português brasileiro com falantes nativos de espanhol, o estudo de mal-entendidos ou incompreensões requer grande sutileza analítica. A semelhança sistêmica de ambas as línguas faz com que, explicitamente, haja uma considerável "transparência" entre elas. Contudo, na dimensão do discurso se evidenciam interessantes questões de natureza semântica que muitas das vezes acontecem sem consciência dos interlocutores que, em princípio e apesar de incômodos, confusões e quiproquós, consideram estarem se entendendo perfeitamente.

Tanto na pesquisa anterior sobre o espanhol riopratense quanto na atual, sobre o espanhol mexicano, a hipótese norteadora do trabalho foi relativa a estratégias de enfrentamento ou aliança nessas discursividades. Concentrei-me na observação e na análise de enunciados de recusa e de manifestações de agrado/ desagrado e acordo/ desacordo em ambas as sociedades⁷. Para a descrição da montagem discursiva⁸ trabalho com a noção de ressonância de significação. Trata-se do efeito de vibração semântica entre duas ou mais unidades específicas ou entre modos de dizer. Essa vibração tende a construir na discursividade a realidade (imaginária)⁹ de um sentido.

⁶Cf., por exemplo, Hamel, R. E.: "Constitución y análisis de la interacción verbal", *Estudios de Lingüística Aplicada* 2, p.31-80, México, CELE-UNAM, 1982.

⁷Neste trabalho se apresentam exemplos correspondentes ao primeiro tipo.

⁸Estou entendendo a noção de montagem discursiva nos termos de M. Pêcheux, 1990b.

⁹Aqui o termo 'imaginário' não deve ser entendido na acepção comum que remete a "domínio da fantasia", mas no sentido correspondente a: representação necessária da realidade que todo sujeito da linguagem constrói ao produzir linguagem intradiscursivamente, cf. Milner, 1983.

A proposta de trabalho consiste em analisar ressonâncias discursivas em micro-cenas¹⁰ experimentais. Para tanto, trata-se de propiciar a produção de seqüências discursivas (por isso o corpus é de tipo experimental, pois é produzido a partir da experiência de pesquisa). O corpus é experimental, mas a micro-cena deflagrada é "de arquivo", isto é, registrada a partir de um trabalho prévio do pesquisador de levantamento de formulações discursivas efetivamente produzidas por enunciadores em diversas instituições sociais. As seqüências discursivas são levantadas por meio de questionários com as seguintes características: a primeira parte consiste em apresentar a descrição de uma micro-cena na qual está faltando o desfecho. Solicita-se aos enunciadores que dêem possibilidades de finais para as micro-cenas: sugerindo palavras dos protagonistas; descrevendo possíveis ações; fazendo comentários ou relatando experiências pessoais lembradas a partir do apresentado no questionário. Na segunda, apresenta-se o final que, de fato, aconteceu na micro-cena concreta registrada em arquivo. Nessa parte, solicita-se um comentário, e é dada como orientação uma pergunta sobre a excepcionalidade ou não desse final na língua-cultura do enunciador que está respondendo o questionário. Pede-se, também, uma fundamentação para a resposta. Quanto aos dados sobre os enunciadores, antes de responderem o questionário, lhes é perguntado sobre os lugares onde viveram, a idade, sexo, ocupação e origem de sua renda principal. Mas é importante salientar que, como a abordagem não é socio-

¹⁰Para a noção de *micro-cena* sigo G. O'Donnell (1986:126) que as define como interlocuções, serviços e trabalhos que ocasionalmente relacionam pessoas de diferentes posições sociais. Neste caso, além de eventuais diferenças de posição social, quanto a papel ou classe, trata-se da posição respeito da condição de imigrante de um dos protagonistas ou testigo da micro-cena estudada.

lingüística, essas informações sobre os indivíduos concretos não se utilizam para correlacionar língua e dados sociais empíricos. Esses dados constituem somente um ponto de partida para compor harmonicamente o corpus.

A seguir, com a finalidade de salientar melhor as conclusões da pesquisa atual, será preciso mencionar sinteticamente resultados do estudo anterior sobre o espanhol riopratense, por ser o que motivou a indagação em relação ao espanhol mexicano, sempre tendo como referência o português brasileiro. Na micro-cena deflagrada um gerente de Recursos Humanos orientava um auxiliar para recusar o pedido de carta de recomendação solicitada por um ex-funcionário demitido por justa causa. As seqüências discursivas do corpus foram produzidas por sessenta e quatro enunciadore, trinta e dois deles, universitários hispano-americanos do Cone Sul, vindos ao Brasil para realizarem estudos de pós-graduação, e trinta e dois universitários brasileiros, estudantes de espanhol e interessados em exercerem suas futuras profissões em países do Mercosul.

Como mencionei acima, para a descrição da montagem discursiva opere com a noção de ressonância de significação. Os dois tipos básicos de ressonância são: em torno de unidades específicas - enunciados nominais, itens lexicais, etc. -, e ressonâncias em torno de modos de dizer, que se referem aos efeitos de sentidos produzidos pela repetição, em nível interdiscursivo, de construções sintático-enunciativas. Nos corpora das duas pesquisas, a anterior sobre o espanhol riopratense e o exame da hipótese no caso da variedade mexicana, evidencia-

ram-se cruciais, como mostraremos em seguida, as ressonâncias de modos de dizer.

Na análise foi observado que apesar de ambas as línguas possuírem a construção negativa com o verbo "poder": "não podemos dar (a carta)/ "no podemos dar (la carta)", essa construção foi usada em, aproximadamente, 60% das falas dos brasileiros e somente por 6% dos enunciadores hispano-falantes. Estes preferiram respostas lacônicas, sem a utilização do verbo "poder", como, por exemplo, em (1):

(1) "Su solicitud ha sido denegada". [s.d. e2]¹¹

Uma outra constatação interessante é que em português houve aproximadamente 40% de expressões amenizadoras, as quais quase inexisteram nas seqüências em espanhol.

Assim, foram distinguidas uma formação discursiva de abruptão, caracterizada por enunciações nas quais predominaram construções com indeterminação de agente, orações curtas, categóricas e, no grau mais marcado de abruptão, com enunciados de indignação cujo efeito de sentido predominantes era o punitivo para o destinatário. Esse modo de dizer lacônico ocorreu também, embora muito menos frequentemente, nas seqüências em português. Vide (2):

(2) "Lamento muito, consultamos a diretoria da empresa e não estamos autorizados a lhe fornecer essa carta." [s.d. 28]

Em espanhol riopratense, quando as seqüências são mais extensas, o que predomina são expressões de indignação pela existência da

¹¹ Em cada ilustração, será reproduzida literalmente a seqüência discursiva completa formulada pelo enunciador. O número, após cada exemplo, corresponde àquele de registro da seqüência no corpus arquivado no IEL, UNICAMP.

solicitação ou modalizações apreciativas no sentido de fazer mais conclusiva a recusa. Vejamos, por exemplo (3). O enunciador propõe três variantes, mas em todas figura a manifestação de improcedência do pedido:

(3) "Primera forma - el gerente guarda compostura en todo lugar. Gerente: 'Dígale al Señor X que luego de consultar con la dirección su caso ha sido denegado, a pesar de la incómoda petición realizada dado que es improcedente la solicitud de dicha carta que certifique su buen desempeño'.

Segunda forma - el gerente no guarda compostura. Gerente: 'Dígale al Sr. X que sea menos sinvergüenza, que no fastidie solicitando cartas que no se le puede dar ahora, pues su desempeño fue deficiente'.

Tercera forma - mucha informalidad. Gerente: 'Dígale al infeliz ese que no moleste'." [s.d. e4]

A construção mais freqüente, quase a única, com a qual os enunciadores em espanhol riopratense do corpus fundamentam a negação é a construção com "después de", utilizada para expressar a consequência de um antecedente, neste caso o motivo da saída. Essa ressonância, que produz um sentido argumentativo na direção da indignação do enunciador com uma carga de punição para o destinatário, se materializa também nas formas "luego de" o "encima de": Por exemplo:

(4) "Dígale que es imposible hacer ese certificado, luego de la macana que se mandó. Imagínese si le vamos a firmar una carta para que des-

pués nosotros quedemos mal" [s.d. e3]. (5) "Dígale a este señor que su pedido está fuera de lugar, que no va con la política de la empresa. - qué se pensó éste? encima de lo que pasó!" [s.d. e9]

Nas seqüências do corpus em português encontrou-se somente uma ocorrência de introdução da fundamentação da negativa para a entrega da carta com essa construção com "depois de". O mais freqüente foram as construções introduzidas por "dado que", "já que" ou "pois". Ressoam explicações, causas e não "sermões" indignados. A outra formação discursiva caracteriza-se pela enunciação de *transições*. Nela predominam construções modalizadas com agente explícito (e não indeterminado), marcas amenizadoras e orações causais. No grau mais marcado de transição, a enunciação da negativa se produz pela inferência, a partir de numerosas transições que resultam de causas desvinculadas do evento em questão, como por exemplo em (5) e (6):

(5) "Diga-lhe que no momento é impossível ajudá-lo pois estou de viagem ao exterior e que volto logo, não se preocupe. Como só eu posso assinar esse atestado, prá ele ir ligando." [s.d. 25]

(6) "Diga a esse nosso ex-funcionário que nós não emitimos esse tipo de documento tão facilmente; pode demorar muito tempo, pois precisamos que cada funcionário que conviveu com ele, faça um relatório declarando a passagem dele pela empresa. Inclusive o diretor tem que avaliar a situação dele com muito cuidado, examinando as suas atitudes no período que trabalhou aqui." [s.d. 32]

Esse tipo de enunciação foi a que, de fato, aconteceu na microcena registrada que escolhemos para deflagrar a pesquisa. O enunciado que o gerente de RH utilizou para dar instruções ao seu secretário, para este dar a negativa ao ex-funcionário solicitante da carta de recomendação foi:

(7) "Fulano, você vai ter que empurrar com a barriga."

Essa formação discursiva de construção do sentido por transições predominou nas seqüências discursivas do corpus em português. Quanto aos enunciadores em espanhol riopratense, deve-se apontar que, quando interrogados especificamente ou, às vezes, nos comentários dados como resposta para a segunda parte do questionário, na qual, como disse acima, constava o final que de fato tinha acontecido, mencionaram a possibilidade dessa estratégia. Entretanto, na resposta espontânea não houve ocorrências nos registros do corpus em espanhol.

3. Discursividade de Outra Variedade Nacional de Uma Mesma Língua

As seqüências discursivas que apresentarei, a seguir, foram coletadas aplicando-se o mesmo tipo de questionário com enunciadores falantes nativos de espanhol mexicano. Exceto dois deles que moram

há mais tempo no Brasil, todos os outros chegaram recentemente com o objetivo de fazerem estudos de pós-graduação¹².

Em geral, foi possível observar que, diferentemente do constatado no espanhol riopratense, nas seqüências do corpus composto por produções de enunciadores mexicanos, predominaram marcas formais correspondentes à formação discursiva caracterizada pela enunciação de transições. Vejamos os exemplos seguintes:

(8) "Dile que sí pero no le digas cuando", es decir empieza a colocar una infinidad de pretextos para otorgarle la carta" [s. d. m, 10]

(9) "Dígale que su caso está siendo tratado, si él insiste, dígame que como su desempeño no fue del todo bien, su respuesta está demorando.

Si continúa insistiendo respóndale: '...no ha habido ninguna respuesta' hasta que deje de insistir." [s.d.m, 12]

Essas seqüências ilustram uma ressonância de modo de dizer que constrói o sentido de uma negação por transições de enunciados, que levam a inferir um "não" que não é dito explicitamente.

Os exemplos seguintes possuem marcas formais que correspondem ao tipo de ressonância de modo de dizer modalizado, em que o "não" se explicita, mas não de modo abrupto.

¹²Fica registrado, aqui, meu agradecimento aos enunciadores mexicanos que gentilmente responderam o questionário, especialmente aos universitários da Faculdade de Engenharia de Alimentos da UNICAMP.

(10) "Debido a la situación como Ud. salió del empleo no será posible extenderle la carta por el momento.

Disculpe la negativa.

Gracias."[s.d.m, 13]

(11) "Mi estimado ex jefe de compras, me veo en la necesidad de informarle que su petición respecto a una recomendación de nuestra empresa no puede ser llevada a cabo, debido a los motivos que usted ya conoce y que yo en su lugar no haría recordar".[s.d.m, 8]

Em (10) e (11) pode-se observar a modalização de possibilidade em forma negativa "não será possível", "não pode ser realizada", a presença de expressões amenizadoras: "desculpe a negativa", "meu estimado ex-chefe de compras", "gracias" (sic) e a explicitação em ambos os exemplos, do motivo da negativa "devido a" (por causa de).

Nos registros de produções em espanhol mexicano foi encontrada uma proporção consideravelmente menor, que no corpus da pesquisa sobre o espanhol riopratense, de seqüências discursivas com ressonâncias que ilustram a formação discursiva de abruptação. Um dos raros exemplos foi (12):

(12) "Una vez consultado con la dirección, tu solicitud fue negada debido al problema por el que fuiste despedido."[s.d.m, 11]

Trata-se de um modo de dizer lacônico. No grau mais intenso de abruptação, ou seja, com juízos negativos sobre o caráter do pedido ou expressões indignadas, houve também uma proporção bastante menor

àquela encontrada nos registros em espanhol riopratense. De qualquer modo, há seqüências discursivas como a exemplificada em (13):

(13) "El gerente consultó tu solicitud con la Dirección General y se ha¹³ la vieron impropedente, debido a los problemas que suscitaron tu renuncia. Lo sentimos mucho."[s.d.m. 7]

Nesse exemplo, gostaria de chamar a atenção para o fato de que, embora haja um juízo de improcedência da solicitação, também há explicação do motivo e a marca amenizadora; "lo sentimos mucho" (sentimos muito). E uma outra constatação foi que não houve ocorrências, no corpus em espanhol mexicano, da construção de sentidos de indignação.

Considerações Finais: Diversidade Pressupondo a Alteridade

Esta proposta de análise de ressonâncias de significação, incorpora experimentais de seqüências discursivas, procura mostrar tendências enunciativas¹⁴, as quais podem ser utilizadas para propor, no caso de interesse na pesquisa quantitativa, levantamentos específicos desse tipo. De qualquer modo, ficando na abordagem qualitativa, que é a que adotamos, é possível apontar o papel medular da discursividade na configuração de imaginários sociais que integram as identidades

¹³Nos exemplos sempre consta a transcrição literal da seqüência discursiva. Na ilustração reproduzida em (13) o enunciatador quis iniciar a seqüência utilizando uma estratégia com o recurso indeterminador se-verbo e depois riscou isso e preferiu o recurso de indeterminação construído com a 3ª pessoa plural do verbo.

¹⁴Esta proposta "Análise de Ressonâncias Discursivas em Micro-Cenas Experimentais" pode ser aplicada, com outras especificidades, também ao caso de línguas distantes. Ver, por exemplo.: F. Schnell, "Análise de Fatores Discursivos e Sócio-Culturais na Aquisição de L2: Uma Contribuição para o Ensino de Alemão em Empresas Brasileiras", Tese de mestrado inédita, DLA, UNICAMP, 1995.

linguístico-culturais. Este enfoque põe em evidência de modo concreto, também, a importância de considerar os processos discursivos na hora de elaborar e desenvolver propostas pedagógicas de línguas estrangeiras em geral (cf. Coracini, 1995) e, no caso específico aqui tratado, "do" espanhol para brasileiros, ou "do" português para hispano-falantes.

O processo de inscrição em segundas línguas sempre comportará formulações, nas quais haverá representações intradiscursivas da diversidade, e elas poderão assumir, no discurso, forma de estereótipos, etnocentrismos, idealizações, exotismos, etc.¹⁵. Mas, para aprofundar-se a compreensão dos processos, nos quais a dimensão do conflito com a alteridade ganha em espessura e nos quais se constitui a tomada da palavra em L2, é preciso que essas representações sejam analisadas como meios imaginários, nos quais se imbricam as questões simbólica (do sujeito do inconsciente) e ideológica (do interdiscurso). Essas questões, não pela sua impossibilidade de estarem expostas enquanto tais nem por serem, de fato, anteriores ao processo concreto de aquisição de L2, condicionam menos esse processo.

Mas, é possível pesquisar mais profundamente os fatores não cognitivos que incidem no processo de aquisição de segunda língua, considerando as identificações em jogo e procurando, assim, abordar o processo sem desprovê-lo da complexidade que lhe é própria. Um fator básico que está presente, independentemente das características particulares de cada experiência de encontro com uma segunda língua, é o de se estar ou não pronto para a experiência do próprio estranha-

¹⁵Cf. L'Admiral e Lipiansky, 1995.

mento. Sobre este tópico, J. Kristeva (1991) diz: "O estrangeiro habita em nós: é a face oculta de nossa identidade."

Em casos de contexto em imersão por situações imigratórias, ou mesmo experiências mais curtas de períodos de vida em país estrangeiro, isso é mais evidente; mas esse questionamento identitário não está ausente nos casos de aprendizagem de língua estrangeira em contexto pedagógico. A complexidade decorre, em parte, do caráter predominantemente contraditório do processo: de um lado, é uma experiência mobilizadora em direção ao novo mas, pelo mesmo movimento, ao serem solicitadas as bases mesmas da estruturação subjetiva e com isso a língua materna, a experiência mobilizadora mais determinante é a que afeta substancialmente as discursividades fundadoras, constitutivas do sujeito. (Em outros trabalhos recentes desenvolvidos no DLA-UNICAMP - vide Bibliografia -, tenho me ocupado do estudo do funcionamento dos processos identificatórios na enunciação em língua estrangeira. Cf., também, o interessante trabalho de Christine Revuz, 1991).

Assim, no atual contexto em que tanto se escutam declarações sobre a necessidade de desenvolver "competências" em outras línguas, é preciso que se leve seriamente em conta que línguas diferentes não são, obviamente, meros reservatórios de palavras diversas para as mesmas significações e, portanto, a análise da discursividade é profícua para desvendar os processos de sentido em jogo.

Referências Bibliográficas

- Authier-Revuz, J. (1995): *Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. 2 Vol. Paris, Larousse.
- Coracini, M. J. (1995) (Org.): *O Jogo Discursivo na Aula de Leitura - Língua Materna e Língua Estrangeira*. Campinas, Pontes.
- Da Matta, R. (1989): "A propósito de microescenas y macrodramas: Notas sobre el problema del espacio y del poder en Brasil". *Nueva Sociedad*, p.111-117.
- Gadet, F. e T. Hak (1990) (Orgs): *Por Uma Análise Automática do Discurso. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da Unicamp.
- Hamel, R. H. (1982): "Constitución y análisis de la interacción verbal", *Estudios de Lingüística Aplicada 3*, México, CELE-UNAM, p.31-80.
- Haroche, C., Henry, P. e Pêcheux, M.: "La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours", *Langages*, 24. Paris, Didier-Larousse, 1971, p.93-106.
- Kristeva, J. (1991) *Étrangers à nous mêmes*. Paris, Gallimard.
- L'Admiral, J. R. & Lipiansky, E. M. (1995): *La communication interculturelle*. Paris, Armand Colin.
- Maldidier, D. (1990): "(Re)Lire Michel Pêcheux Aujourd'hui", in Pêcheux, 1990a, *L'Inquiétude du discours*. Paris, Éditions de Cendres, p.7-91.
- Vilner, J.C. (1983): *Les norms indistincts*. Paris, Éditions du Seuil.
- O'Donnell, G. (1989): "Privatización de lo público en Brasil: microescenas". *Nueva Sociedad*, p.105-110.
- Orlandi, E. (1988): *Discurso e Leitura*. São Paulo, Cortez e Ed. da Unicamp.

-
- Pêcheux, M. (1988): *Semântica e Discurso*. Campinas, Editora da Unicamp (1a. ed. francesa: 1975).
- ___ (1990a): *L'inquiétude du discours*. Textos selecionados e organizados por D. Maldidier. Paris, Ed. de Cendres.
- ___ (1990b): *O discurso. Estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes (1.ed.: 1983).
- Revuz, C. (1991) "La langue étrangère entre le désir d'un ailleurs et le risque de l'exil. *Éducation Permanente*, 107, p.23-35. (Versão brasileira in *Lingua(gem) e Identidade*, I. Signorini (Org.), Campinas, Mercado de Letras, no prelo.
- Robin, R. (1993): *Le Deuil de l'origine. Une langue en trop, la langue en moins*. Saint-Denis, Presses Universitaires de Vincennes.
- Serrani-Infante, S. (1990): "Transdisciplinariedade e Discurso em Lingüística Aplicada". *Trabalhos em Lingüística Aplicada* 16, p.9-48.
- ___ (1993): *A Linguagem na Pesquisa Sociocultural. Um Estudo da Repetição na Discursividade*. Campinas, Editora da Unicamp (2.ed.: 1997)
- ___ (1994): "Análise de Ressonâncias Discursivas em Micro-Cenas para Estudo da Identidade Lingüístico-Cultural", *Trabalhos em Lingüística Aplicada* 24, Campinas, DLA-IEL.
- ___ (1997a): "Formações Discursivas e Processos Identificatórios na Aquisição de Línguas", *DELTA*, vol. 13, 1, São Paulo, Educ, p.63-81.
- ___ (1997b): "Discurso e Aquisição de Segundas Línguas: Proposta AREDA de Abordagem", *Coleção Ensaios UFRGS*. Porto Alegre, no prelo.
- Thomas, J. (1983). "Cross-Cultural Pragmatic Failure", *Applied Linguistics* 4, p.92-112.